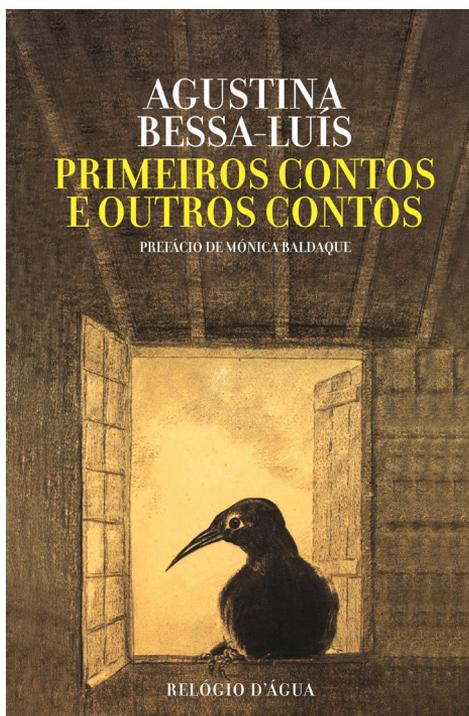


**Agustina Bessa-Luís: *Primeiros Contos e Outros Contos*.
Lisboa: Relógio d'Água, 2020, 208 pp.**

Mafalda Sofia Borges Soares

(Sorbonne Université / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

DOI: 10.58155/revistadeletras.v1i9.482



Coligindo breves narrativas maioritariamente inéditas, *Primeiros Contos e Outros Contos* é um despon-tar da inconfundível voz de Agustina Bessa-Luís no horizonte literário. Ao revigorar o património cultural de uma das mais prolíficas figuras do século XX português, o recém-pu-blicado conjunto de textos reanima, sincrónica e consequentemente, as potencialidades da língua portu-guesa, insuflando-a de engenhosas pers-petivas até então deixadas na sombra. Versa-se, nesses contos, sobre temas imperecíveis do imaginário coletivo, como o poderão ser a memória ou a fantasia, presenteando-se a esfera ar-tística de encantadoras abordagens sobre os mesmos. Perante um discurso cuja veemência se renova a cada do-bra de frase, o leitor descobre-se envolto numa melopeia de carácter firme, que sibila as nuances do viver humano e as esparge sobre as tonalidades do que à sua volta existe. Mais do que herança de pendor linguístico-imagético, o presente livro é testemunho de uma ficção que laboriosamente se pensa na sua relação com o mundo. Noutros termos, os contos agustinianos são, primordialmente, questões lançadas ao real e recuperadas em estado bru-to, sensorio, para serem retrabalhadas e, sobretudo, repensadas pelo esforço literário. Pressente-se, no movimento escritural, o bulício de uma mente que, infatigavelmente, descortina a realidade e aqueles que a mesma habi-tam; apercebe-se, por entre os signos da mancha gráfica, uma metafísica que continuamente se interroga e, ininterruptamente, desvela o seu marcado

semblante. Nas palavras de Agustina, que tão bem lhe poderiam servir de manifesto literário: “Valia a pena, talvez, olhar as coisas, as pessoas e esta chata e adorável coisa que é estar vivo e pasmar na vida, com serenidade...” (Bessa-Luís 2020: 133).

Um dos aspetos que mais trespassa esses relatos de curto pendor é a comparência do ritmo quotidiano no tempo narrativo, cujo fardo se faz mormente sentir no fluxo psicológico dos protagonistas. Por vezes retratado como saudoso lugar dentro do qual certas almas se amolecem e resguardam, “convívio repousado, um tanto sonolento, de almas pacientes recostadas no passado” (Bessa-Luís 2020: 18), o dia-a-dia surge, outras vezes, qual meloso respirar das horas que se atardam. Com efeito, não raro “à tarde [passa] morna e triste e como um suspiro do tempo” (Bessa-Luís 2020: 21), retendo os seres e as coisas num limbo da ação e da caracterização, como se a história se esquecera de escrever e ficasse suspensa no curvar de uma vírgula. Ocasionalmente, a trivialidade é assinalada como um traço que sobre as personagens se poussa, rascunhando-lhes as feições: “Haviam-lhe moldado a alma pela forma em voga, conscienciosamente etiquetados os sentimentos, catalogados na memória todos os passos da vida, todas as reações” (Bessa-Luís 2020: 88). Há algo que se aquieta na dinâmica ontológica dos seres, os quais amiúde se deixam levar pela morosa corrente do real e dos seus fantasmas, podendo o presente ser visitado pelas inexoráveis imagens do pretérito, “como se um grande passado de tragédia me custasse em cada pensamento e gesto banal do presente” (Bessa-Luís 2020: 130). Por ser recorrentemente entediante, o quotidiano não deixa de apelar a fantasiosos devaneios, preenchendo o espaço da escrita de desejos e anseios que à flor do sonho se abeiram. Tais incursões no reino das quimeras, sem precisa destinação, equiparam-se a fulgurosos astros resvalando universo abaixo e calorosamente pintalgando, de renovados matizes, o negrume de que o tédio do instante presente se revestiu, qual “vida simultaneamente estranha e banal de estrelacadente correndo e brilhando nas sombras da imensidade, sem proveito nem consciente destino” (Bessa-Luís 2020: 83).

Momentos há, nos contos de Agustina Bessa-Luís, em que a narrativa cede diante de um questionamento ficcional, ao qual certas personagens fugazmente dão corpo. Reflete-se, a título de exemplo, em *Catarina Era Assim...*: “E parecia-lhe viver um episódio indiferente, em que ela não tinha vida nem realidade, como em certos sonhos aflitivos em que o seu corpo se movia e ela sabia e via com os seus próprios olhos que a sua vontade ficava impotente e a alma afastada de tudo, de tudo...” (Bessa-Luís 2020: 87). Na

verdade, a brevíssima sensação de que se é vida comandada por uma impercetível entidade que, do cimo da sua condição omnisciente, delineia os contornos dos seus destinos é dor reconhecível nas personagens agustinianas, as quais, em poucos rasgos de lucidez, suspeitam uma sua condição de esboços linguísticos de anónimo criador. Confessa Dora no conto *Viagem em 2ª*: “sou um pedaço de vida que segue enovelada em si mesma, que sente, que esmorece, que revive e gosta de existir cada vez que se cansa de ser consciente de si mesma. Mas nada disto importa, e pouco mesmo importa a mim, agora que voltará a preocupação prática dos meus passos na multidão” (Bessa-Luís 2020: 71). Escapa-se, num ápice, pelo gotejar da tinta correndo papel afora; no escoar do descrever narrativo, as personagens discretamente se esfumam dos seus traços lineares, colocando-se na fímbria do discurso e flexionando um modo condicional passível de rivalizar com o pretérito da mente autoral, o qual impõe a efetividade dos factos e dos sentimentos. Qual Eco erigindo um solilóquio a partir da fala alheia, os protagonistas são atravessados por uma forma de rebeldia consciencial, formando-se ao de leve, na orla do manuscrito, um contradiscurso de libertação ficcional. Ressalte-se que não apenas as personagens se esquivam, ainda que por breves momentos, da dimensão literária; o escritor, assim como apresentado em *Uma Tentativa Literária*, encontra-se, também ele, numa instável e móbil fronteira entre o real e o imaginário. Padecendo de inspiração, aquele deixa-se constantemente enleiar pelos estímulos sensoriais que assim o solicitam e convocam. Na sua musculatura sensorial, o mundo reclama incessantemente a atenção do autor, enrolando-se sem tréguas por entre os seus dedos escrevedores.

Ao invés dessa tendencial deserção dos elementos da história para fora do discurso literário, a Natureza afigura-se ser, no estilo de Agustina, um perfeito pano de fundo que afincadamente se tem impassível perante o universo humano, ao mover-se numa calma placidez do acontecer. Homem e Natureza encontram-se, pois, em planos oblíquos, evitando-se e concomitantemente comungando-se, num constante desencontro que se mostra majestosamente belo: “O homem morria. O Sol nasceu; veio como uma labareda cor de ouro nimbado de vapores”; “o ar estava brilhante refletindo a reverberação da neve, projetando pelos espaços esplendores circulares como os que resultam do agitar das águas comunicando ondas de luz” (Bessa-Luís 2020: 199). Três tempos se intercalam e se atravessam nas pequenas narrações de Agustina Bessa-Luís, a saber: o tempo diegético (do qual a escritora é senhora e mestre), o tempo reflexivo (discretamente operado pelas personagens que, num impulso de revelia, inconscientemente interrogam o edifício

literário) e o tempo natural (o qual permeia os outros dois, sem por isso deles depender, cingindo-os de uma acalmia bucólica que aos contos confere uma atmosfera admiravelmente comovente). Pese embora o facto de a Natureza se efundir mansamente sobre a narrativa e exhibir uma pacata indiferença em face dos humanos afãs, note-se que aquela não deixa de os envolver de um robusto Verbo, no imo do qual a força poética da escrita de Agustina tanto se faz sentir. Graças às vagarosas paisagens que, de um suspiro cromático, tingem as ações e os respetivos protagonistas, a língua portuguesa aflora um fecundo imaginário, o qual segue entoando as sílabas de sons já esquecidos da eternidade. Se, por um lado, a literatura permite à autora exercer o seu olhar clínico sobre esse bicho tão difícil que é o animal humano, por outro, aquela torna patente a profundidade e a elegância de um conceber que sabe acompanhar e variegar o lento deslizar das coisas. Através da sua escrita, isto é, por intermédio dessas suas mãos apolíneas que se põem diante da realidade e a mesma alumiam, Agustina convida-nos a entrar nesse seu mundo onde o conto não só se reveste de psicológicos devaneios e de naturais demoras, como ainda se deixa arrebatado por ínfimos átimos em que os preceitos do género narrativo se refreiam, a fim de deixar respirar o génio daquela que sabe criar a partir dos próprios limites da palavra. Como tão bem declarou Agustina, nessas frases que poderiam ser consideradas como um dos seus mais fiéis autorretratos: “Abriu as mãos devagar contra o sol, e pôs-se a olhar o resplendor que parecia filtrar-se-lhe da pele. Sorria dum modo vago, sereno e absolutamente belo – tal e qual como escrevia” (Bessa-Luís 2020: 124).